

**O CONHECIMENTO “GRAMATICAL” VARRONIANO
EM DE RE RUSTICA II: A ETIMOLOGIA***

Matheus Trevizam (UFMG)

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

Se houvésemos de propor algum qualificativo para o trabalho intelectual do erudito romano Varrão de Reate, contemporâneo de César e Cícero no século I a.C. e por eles admirado pela espantosa variedade e amplitude de seus conhecimentos, esse decerto seria o “enciclopedismo”. Por isso entendendo a trajetória compositiva e de especulação desse autor como, essencialmente, um exercício de recolhimento de saberes atinentes a muitos domínios distintos (história, geografia, aritmética, estratégia bélica, navegação, “agropecuária”, dramaturgia, gramática...), e em que pese à relativa falta de sistematicidade de tal empreendimento intelectual (por qual motivo o autor privilegiou, no âmbito do teatro, o estudo da comédia com suas *Quaestiones Plautinae* e não da tragédia, não se votando também à análise da produção *trágica* romana do período arcaico?), Varrão, na verdade, logrou sempre manter-se na via da compilação de volumoso *corpus* escrito com vistas a oferecer conteúdos a seu público; também importa observar que a supracitada assistematicidade do processo varroniano de estudo e escrita dos textos transmissores da cultura resultou, enfim, na partilha de sua erudição por obras “de todo” independentes, como é o caso, em princípio, da concentrada inserção dos saberes agrícolas num diálogo triplo como o *De re rustica* e dos gramaticais no *De lingua Latina*.

Não se deve, porém, levar essa última afirmação às raias do extremismo: segundo intentaremos demonstrar neste trabalho, o conjunto de saberes do autor não se restringe a cada vez a seguir para uma única direção na feitura das obras, mas, amiúde, “espalha-se” de um livro a outro, de forma que possamos, por exemplo, deparar “inuitados” conhecimentos de agricultura (ou de história e de direito) no

* Esta comunicação se insere como parte vinculada ao projeto “Tradução anotada e estudo dirigido do segundo livro do *De re rustica* de Varrão de Reate”, desenvolvido na FALE-UFMG pelo “Programa de auxílio para a pesquisa dos doutores recém-contratados”, com o apoio da FUNDEP.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tratado de gramática do *De lingua Latina* e, sobretudo, de linguagem no diálogo técnico do *De re rustica*. Acreditamos em que, por semelhante forma de interpenetrar saberes em princípio atinentes a ramos epistemológicos “completamente” distintos, o autor contribui para conferir ao menos alguma organicidade ao todo de sua obra, já que, assim, interligam-se, pela via do estabelecimento de nexos pontuais mutuamente esclarecedores, os vários domínios especulativos abordados em particular.

O exame do ponto das etimologias varronianas no segundo livro do *De re rustica*, então, ajuda-nos a divisar na prática o funcionamento de tal processo, pois, por seu intermédio, ocorre a óbvia “importação” de um exercício especulativo atinente ao domínio da investigação filosófica ou “linguística” na Antiguidade para o cerne de um texto, em princípio, alheio a grandes refinamentos abstratos: a esfera do *De re rustica* corresponde, nesta parte do diálogo, às meras preocupações dos grandes criadores de animais na república romana coeva ao autor, sendo nela sistematizadas as operações propiciatórias do bom desenvolvimento econômico dos plantéis de bovinos, ovinos, cavalos, porcos e muars. Entretanto, como revela frequente o processo de leitura seguida do texto do *De re rustica* II, a refinada e rica cultura varroniana imprime ao assunto “baixo” e material da pecuária sua pátina característica, dotando-o, a intervalos, de elos bastante alargadores de horizontes.

Como dissemos em outras circunstâncias,¹⁴ não há que se esperar a exclusiva prevalência da etimologia no que concerne às frutíferas interferências do saber “gramatical” antigo na obra técnica de nosso interesse, pois, no mesmo *De re rustica* II, ainda se encontram procedimentos de explicação lexical propriamente considerada e “anotação” erudita a pormenores da vida camponesa em Roma, recurso pelo qual, no último caso, ocorre a efetiva aproximação entre a ambiência modesta que se nos oferece ostensiva e elementos da cultura letrada, como as personagens ou eventos da mitologia e as próprias obras dos poetas no âmbito romano ou helênico.

¹⁴ Trevizam, Matheus. A face “gramatical” de Varrão em “De re rustica II”. *Aletria*. Belo Horizonte, vol. XIX, 2009 (no prelo).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Passando, propriamente, a tratar da efetiva presença etimológica no *De re rustica* II, ela se faz de maneiras diferenciáveis sob algumas categorias básicas. Em primeiro lugar, apontamos as etimologias de Varrão para certos termos gregos (e não latinos) incorporados ao texto: aqui se nota, por conseguinte, a abertura para que as diferenciemos pautados pelo simples critério da origem idiomática das palavras explicadas. Em seguida, tornando a um novo modo de considerar os tipos de etimologia segundo parâmetros que o ignorem, vemos, primeiramente, aquelas em que se aponta a onomatopeia, depois, a “cunhagem” de palavras via transformações variadas de um único termo pregresso (aparentado na forma e no sentido ao novo), depois, a vigência de processo semelhante a esse, com a ressalva de se dar pela proveniência de mais de um vocábulo anterior, e, por último, o caso do que chamamos “nomes pátrios”.

Em nosso levantamento de tais ocorrências, notamos, como seria previsível em se tratando de uma obra composta *em latim* durante a Antiguidade clássica, muito menor presença de vocábulos gregos etimologicamente explicados: são eles, trazidos à baila pelo autor com fins de esclarecimento geral da realidade pecuária, e . Assim, as etimologias dadas para os termos gregos (“ovelhas”, a partir do balido desses animais como teria soado entre os helenos) e (forma evocada por Varrão para explicar o clássico α - “porco” - a partir de $\dot{\iota}$, “imolar”), embora se enquadrem eles respectivamente no primeiro e no segundo processo de origem vocabular que citamos acima, diferenciamos do universo restante dos exemplos de que trataremos a seguir por não corresponderem ao âmbito do vocabulário latino, mesmo que por “importação”.

Em seguida, focando-nos no exame das palavras atinentes ao vocabulário romano, citamos como ocorrência das etimologias onomatopaicas varronianas o caso do verbo *baelare* (“balir”), que partilha com o primeiro termo grego citado antes a explicação de se ter constituído a partir da “voz” dos animais, segundo perceptível *entre os latinos*.

Sob a rubrica das palavras latinas que se teriam originado, segundo as explicações de Varrão, de um único vocábulo pregresso, citamos os casos de *Italia*, *Porcius*, *Ouinius*, *Caprilius*, *Equicius*, *Tau-*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

rius, Asinius, Caprae, Tauri, Vituli, pecunia, cordi, Caprasia, caprae, Vaccius, Equiculus, lactentes e sucida. O primeiro termo, note-se, foi explicado por Varrão em *De re rustica* II, I como vinculando-se etimologicamente à palavra latina *uituli* – “vitelos”, “bezerros” –, pelo suposto fato de destacar-se ela neste ramo da produção pecuária (“Por fim, a Itália não foi nomeada por causa de *uituli*, como escreve Pisão?”);¹⁵ a esse respeito, acrescentamos que, numa obra em que se intenta nobilitar a vida rural como um todo, atribuir ao nome da própria pátria motivações atinentes ao universo pecuário significa dotar esse fazer (e ciência) de importante prestígio.

Todos os onomásticos que se seguem a este exemplo, de *Porcius* até *Vituli* e de *Vacius*, contiguamente, a *Equiculus*, guardam com o nome latino da Itália a semelhança de nos remeterem sempre à terminologia das espécies animais domesticadas pelo homem: assim, *Porcius* de fato se enraíza no termo latino *porcus* (“porco”); *Ouinus*, em *ouis* (“ovelha”); *Caprilus* e *Caprae*, em *capra* (“cabra”), ou, da primeira vez, *caper* (“bode”); *Equicius* e *Equiculus*, em *equus* (“cavalo”); *Taurius* e *Tauri*, em *taurus* (“touro”); *Asinius*, em *asinus* (“asno”, “burro”); *Vituli*, palavra já vista no ponto de abordagem da etimologia do país dos romanos, em *uitulus* (“bezerro”); *Vaccius*, por sua vez, vincula-se indelevelmente ao feminino da espécie bovina em latim (*uacca*, “vaca”). A respeito dessas palavras, se nos cabem breves parênteses classificatórios no campo da onomástica latina, poder-se-ia também lembrar que *Porcius*, *Ouinus*, *Caprilus*, *Equicius*, *Taurius* e *Asinius* correspondem à categoria dos *nomina* (“nomes”), isto é, dos termos designativos dos clãs familiares romanos, como, similarmente, *Flavius* ou *Iulius* (*Gaius Iulius Caesar*); *Capra*, *Taurus* e *Vitulus*, por outro lado, não designam os clãs, mas os próprios grupos familiares específicos no interior desses: correspondem, por tal razão, a *cognomina* (“cognomes”, como *Cicero* em *Marcus Tullius Cicero*); *Vaccius* e *Equiculus* são também *cognomina*.

Sobre a etimologia desses *nomina* e *cognomina* latinos, ainda, fazemos notar como documentam de forma concreta o traço da cultura romana de ter-se inegavelmente erigido sobre bases rurais.¹⁶ Var-

¹⁵ Minha tradução do original latino.

¹⁶ Para o exame detido da questão, cf. Robert, Jean-Noël. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, p. 13-80.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

rão, assim, mostrando-se no *De re rustica*, como em várias outras de suas obras, atento ao recolhimento das tradições pátrias, não deixou passar despercebido este pormenor, e registra:

Quem não diz que o povo romano realmente se originou de pastores? Quem não sabe que Fáustulo foi o pastor e provedor que educou Rômulo e Remo? Também não demonstrará que eles mesmos foram pastores o fato de que fundaram a Cidade de preferência nas Parílias? Não prova o mesmo o fato de que ainda agora, segundo uma regra antiga, uma multa é exprimida em bois e ovelhas, as mais antigas moedas que se cunharam foram marcadas com o gado, quando a cidade foi fundada, estabeleceu-se onde ficavam os muros e portões com um touro e uma vaca, quando o povo romano é purificado com as *suouetauriliae*, erram em torno porcos, carneiros e um touro, e que temos muitos nomes provenientes dos dois tipos de rebanho, o maior e o menor (do menor, Pórcio, Ovínio e Caprílio; mas, do maior, Equício, Táurio e Asínio)? E não o mesmo os ditos ‘cognomes’, a exemplo dos Ânios *Capras*, dos Estatílios *Tauros* e dos Pompônios *Vítulos*, bem como muitos outros oriundos do gado?¹⁷

Sob a mesma rubrica dos termos latinos provenientes de um só étimo anterior, acrescentamos, *cordi* são, em *De re rustica* II, os carneiros que nasceram depois do tempo, e a explicação dada pelo autor para isso se vincula ao termo anatômico grego para a membrana embrionária (ἰστίον): é que os que passam mais tempo junto dela, demorando para serem dados à luz, recebem essa nomenclatura. *Caprasia*, em seguida, é uma ilha próxima da Itália, situada nas imediações da Córsega, e seu nome deriva do fato de que conteria muitas cabras selvagens; *caprae* (“cabras”) são os animais mesmos, para que Varrão oferece uma curiosa e, pelos termos atuais, bastante imaginativa etimologia: designar-se-iam dessa forma porque, sendo muito vorazes, costumam sempre “arrancar” (*carpere*) todo tipo de cultura que deparem. Em *De re rustica* I, II, por sinal, contando por que razão Baco ama que se lhe sacrifiquem caprinos e Minerva (ou Atena) o veta, o autor estabeleceu nexos entre a voracidade dessa espécie e o culto religioso, verificando-se no ato do sacrifício a Baco sua doce “vingança” por destruírem as cabras as folhas da parreira e, na recusa da deusa, sua total repulsa diante de animais capazes de fazê-lo no tocante aos olivais. *Lactentes*, ainda, são os porcos não-desmamados, ou “leitõezinhos”, pois se alimentam, como diz seu

¹⁷ Cf. Varrão, *De re rustica* II, I (em minha tradução do original latino).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

nome em latim ou em português, do “leite” (*lac*); *pecunia* é uma designação possível do dinheiro em latim, obviamente advinda de *pecus* (“gado”), pois, no passado remoto de Roma pastoril, conjecturase, rico era o homem a possuir muitas cabeças de gado; *sucida*, enfim, nomeia a lã recém-tosada, ainda úmida do suor das ovelhas, pelo que Varrão busca enraizar-lhe a etimologia na palavra latina *sudor* (“suor”): contudo, provém de *sucus* (“humor”), segundo elucidado pelo dicionário latino-inglês de Oxford.

Os termos que se podem, no rol das etimologias varronianas do *De re rustica* II, relacionar a mais de um étimo correspondem a *suouetauriliae*, *subrumi*, *nefrendes*, *busycos*, *bupais*, *bulimos*, *boopis*, (*uua*) *bumamma*, *bugenes* e *hordicidia*. O primeiro provém, na verdade, não exatamente de dois, mas de três pré-existentes, reunindo em si as raízes de *sus* (“porco”), *ouis* (“ovelha”) e *taurus* (“touro”), e designa um tipo de sacrifício purificador muito comum na velha religião de Roma, em que se imolavam, na mesma hora, um porco, um carneiro e um touro; o qualificativo *subrumi* indica, na dicção de Varrão, os carneiros não desmamados, e enraíza-se no prefixo *sub* (“por debaixo de”) e em *rumis* (“úbere”, “mama”), num todo de grande concretude imagética; *nefrendes*, para esse etimologista, são os leitões desmamados, mas que ainda “não” (*ne*) podem “mastigar” (*frendere*) as favas para alimentar-se; *busycos*, por sua vez, é um *hapax legomena* que designa, nesta passagem latina do *De re rustica*, certa variedade de figos, com origem no grego (“boi”) e em (“figo”), tendo sido vertido para o inglês por Hooper e Ash, tradutores da edição de Harvard desta obra varroniana, por “bull figh”; *bupais* (“menino-boi”, “menino grande”), também incorporado ao latim rústico neste trecho, encontra suas raízes no mesmo helênico e em (“menino”, “criança”); *bulimos* (“de fome bovina”), além de em , em Ī (“fome”); *boopis* (“de olhos de boi”, “de grandes olhos”), como sempre, recorre ao elemento designativo da espécie bovina e, depois, a OĪ (“vista”, “face”); *bumamma*, além de em , fixa suas raízes no próprio termo latino *mamma* (“úbere”, “peito”), para qualificar certo tipo de uvas morfológicamente afins a este elemento da anatomia animal; *bugenes* é equivalente do grego (correspondendo o segundo elemento a um participio verbal), a significar, sobre as abelhas “espontaneamente” advin-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

das de carcaças decompostas, “nascidas dos bois”; *hordicidia*, enfim, vincula-se ao adjetivo latino *horda*, que designa a vaca prenhe, e ao verbo *caedere* (“cortar”, “matar”, “sacrificar”), e indicava no calendário festivo o sacrifício ritual de uma vaca nesse estado entre os romanos.

A última categoria de nomes “etimologizados” que destacamos do segundo livro da obra agrária de Varrão diz respeito a algo, por vezes, bem menos ortodoxo nesse sentido: trata-se do que já chamamos de “nomes pátrios”, adjetivos substantivados ou não e que nos remetem, sempre, a um local de origem por “qualificarem” os que têm sua pátria ali. Assim, *Tessalici* evoca a terra grega da *Tessalia*, *Apuliani*, a península itálica da *Apulia*, *Roseani*, a cidade de *Rosea*, na Sabínia, *Laconici*, a *Laconia*, região de Esparta, *Epirotici*, o país do *Epirus*, *Salentini*, *Salentum*, região da Itália meridional, e *cilicia* (de todo substantivado), as plagas asiáticas da *Cilicia*.

Correspondendo o processo de formação de adjetivos pátrios a algo atinente à sincronia das línguas naturais, de modo que, mesmo no caso do surgimento de novos nomes de localidades ou países, ainda que fictícios, seja sempre possível “batizar-lhes” os nativos pela recorrência a raízes e sufixos disponíveis no sistema gramatical coevo (*Hispania*, *Hispaniensis*/ *Britannia*, *Britannus*/ *Italia*, *Italicus*...), haveria o ensejo de esclarecermos aqui por qual motivo temos considerado, por exemplo, a explicação varroniana para *Tessalici*, a partir de *Tessalia*, um dado de natureza “etimológica”. Afinal, não se trata de remontar, como pressupõem os procedimentos etimológicos típicos, de um estágio ou, no mínimo, de um ponto a outro de uma mesma língua (ou outra) com fins de esclarecer as origens de um termo em uso na experiência coeva dos falantes. Em outras palavras, para os sabedores, na antiga comunidade de usuários do latim, da existência de um país chamado *Tessalia*, seria mesmo óbvio que *Tessalici* corresponde a um adjetivo pátrio advindo daquele termo, sem grandes necessidades de um “desvendamento” etimológico propriamente dito.

No entanto, certas etimologias abordadas por Varrão numa sua obra anterior (o *De lingua Latina*), bem como o modo de tratamento dos adjetivos pátrios em seu contexto de surgimento no *De re rustica* II e a observação do que se dá com a última palavra desse

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

derradeiro conjunto permitem-nos justificar uma tomada de posição como esta. O autor, em trechos do *De lingua Latina* (V, X 71), parece favorecer compreendê-lo dessa forma neste quesito: na passagem citada de sua obra “gramatical”, então, Varrão enumera alguns nomes de deuses romanos (*Tiberinus, Velinia...*) assim denominados por relacionarem-se a termos geográficos pré-existent (o rio *Tiber*, o lago *Velinus*). Sobre o uso contextual dessas expressões no próprio *De re rustica*, note-se a passagem abaixo:

É do maior interesse a raça, pois os tipos são muitos. E assim, *os que se distinguem são denominados por causa das regiões donde vêm*; na Grécia, os cavalos tessálicos pela Tessália; na Itália, os apulianos pela Apúlia e os roseanos de Rósea.¹⁸

Ora, se, nos dizeres de Varrão, os (cavalos) tessálicos, apulianos e roseanos são denominados “por causa das [respectivas] regiões donde vêm”, trata-se ao menos de aproximar tal explicação da etimologia típica na medida em que essa, como sabemos, também se ocupava de demonstrar em termos morfológicos e de sentido os nexos entre vocábulos “primitivos” e “decorrentes”. Ademais, no cotejo com os três procedimentos “gramaticais” reiteradamente seguidos pelo autor no segundo livro do *De re rustica*, o caso dos “nomes pátrios” pareceu-nos harmonizar-se, no que se refere a seu modo de tratamento metalinguístico, antes com a maneira da etimologia (que se caracteriza, temos enfatizados, por fazer “admirar” uma palavra de outra) do que com a da explicação lexical ou da “anotação”; para a correspondência a esse segundo procedimento da “gramática” antiga, seria necessário, sobretudo, propor definições, ou seja, fórmulas capazes de abranger os sentidos de um termo sem fazê-lo remontar, para esclarecer-se, a palavras de semelhante raiz (exemplo: “Tendo os porcos sido afastados dos úberes, são chamados de *delici* por alguns, e não mais de leitões”);¹⁹ por fim, o que entendemos por “anotar”, nesse âmbito, corresponde a expandir por via erudita os horizontes de tratamento da mera temática pecuária (exemplo: mencionar, no capítulo IX do *De re rustica* II, o mítico dilaceramento de Acteão pelos galgos de Diana a propósito da lembrança da violência dos cães quando famintos).

¹⁸ Cf. Varrão, *De re rustica* II, VII (em minha tradução do original latino).

¹⁹ Cf. Varrão, *De re rustica* II, IV (em minha tradução do original latino).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Semelhante “estranheza” não se dá com o último termo pátrio que listamos (*cilicia*, presente em *De re rustica* II, XI como certo pano grosseiro de velo caprino, outrora empregado para fabricar as vestes dos marinheiros): embora, na origem, tal produto tivesse sido feito na região asiática da Cilícia, isso não foi mais tão restrito nos tempos subsequentes, de modo que, consideramos, os elos do nome do têxtil com sua zona de “invenção” resultaram esmaecidos e, assim, necessitados de um “lembrete” por parte de um inveterado etimologista como Varrão.

A citação, há pouco, de duas etimologias presentes no *De lingua Latina* varroniano favorece, enfim, destacarmos a supracitada “continuidade” da erudição do autor também nesta obra de finalidade prática (o *De re rustica*), pela via da menção a certos termos cuja origem já fora explicada naquele contexto e que se retomam, aqui, ainda uma vez. Assim, em *De lingua Latina* V, XIX 95, o autor se referira à etimologia de *pecunia* (“dinheiro”) a partir de *pecus* (“gado”), porque “então o dinheiro dos pastores consistia no gado”; em V, XIX 97, “etimologizara” sobre o termo *capra* (“cabra”) por seu parentesco com o adjetivo *carpa* (“a que pasta”), que se relaciona ao verbo *carpere* (“cortar”, “pastar”) e mantém óbvios nexos com a proverbial voracidade dessa espécie pecuária...

Todos os exemplos etimológicos citados, portanto, exemplificam à sua maneira as habilidades “gramaticais” varronianas e comprovam-lhe o complexo ramificar de variada erudição sobre as próprias obras.

REFERÊNCIAS

BAILLY, A. *Abrégé du dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1901.

CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper and H. B. Ash. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006.

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

MIGUEL, L. A. *Varrón*. Madrid: Clásicas, 2000.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ROBERT, Jean-Noël. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

TREVIZAM, Matheus. A face “gramatical” de Varrão em “De re rustica II”. *Aletria*. Belo Horizonte, vol. XIX, 2009 (no prelo).

VARRON. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 2003. Tome II.

_____. *De lingua Latina*. Introducción, traducción y notas de Manuel-Antonio Marcos Casquero. Barcelona/ Madrid: Ánthropos/ Ministerio de la Educación y Cultura, 1990.